

A REDEMPCÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 RÉIS

ANNO I

REDACCÃO
LARGO 7 DE SETEMBRO
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 19 de Junho de 1887

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.
Pagamento adiantado

N. 47

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes do interior o obsequio de nos enviarem o importe das assignaturas pelo correio

Os Srs assignantes poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIAO.

REDEMPCÃO

A abolição já e já

A escravidão marca na historia dos povos a epocha da maior infamia que elles têm commettido.

Não ha razão, não ha argumento, por mais astuto que seja o espirito que o apreste que justifique a escravidão

Apenas nos lembramos de uma hypothese, em que poderia se justificar a escravidão; é a seguinte: quando homens industriais são continuamente atacados por selvagens, e, para preservarem suas vidas, e para não serem mortos, são forçados a trabalhar, são forçados a escravidão.

Infelizmente tal hypothese nunca se realisou.

Contrario, foram homens miseraveis, amaldiçoados de Deus, que foram arrancar de sua familia, de sua patria, os pobres africanos para, a força de vergalho e de martyrio, sugar-lhes o suor e o trabalho.

Hoje que o mundo inteiro condemna a escravidão, hoje que a mais fraca intelligencia comprehende a hediondez da instituição; é irrisorio que fazendeiros se revoltam contra o abolicionismo, ameaçando-o de morte!

A abolição hoje é como a pedra que, rolando de uma montanha, esmaga

todos os obstaculos que encontra e vai ter ao valle, que chamaremos—da justiça, da liberdade.

Não prevalece tambem a futil desculpa de que os senhores de hoje não são responsaveis pela escravidão e que por isso não devem ser prejudicados. Não, a injustiça não deve aproveitar a ninguém.

Quando se quer trocar uma nota do governo, que já foi recolhida, não é o ultimo possuidor que perde?

Quando o dono encontra o objecto roubado e o exige, não é tambem o ultimo possuidor que perde?

E' verdade que no segundo caso o prejudicado poderá reclamar.

Mas ainda assim, com que direito poderiam os actuaes senhores reclamar? De quem? Dos antepassados?

Elles diriam que as riquezas presentes são o resultado de seu trabalho e economia, alcançado com o proprio trabalho escravo, e que a libertação total da escravidão hoje, embora tardia, seria, não uma compensação dos sacrificios da infeliz raça negra, mas a mais justa reparação da nefanda injustiça commettida contra ella.

Escravagistas desapiedados, que fariéis vós se uma raça mais forte vos escravisasse e vos metesse o bacalhau, obrigando-vos a trabalhar de graça?

Estamos certos que serieis peiores que os pobres africanos, e que o vosso captivo seria uma série constante de assassinatos, crimes e fugas.

Como quereis, pois, condemnar o pobre escravo, que sem commetter crime algum, busca a sua liberdade, pela fuga?

Como quereis que o escravo, que já devia estar livre, se torne paiz noves governo serio?

Senhores de escravos, se s'is patriotas, se desejas praticar a justiça, se quereis a prosperidade da vossa provincia, libertae vossos escravos, e preparai-os para o trabalho livre.

Assim poupar-nos-heis trabalho e fadigas e tereis cumprido o vosso dever.

Carta do Maneção ao Barão de Sacy

Já ouviu? Eu, dizem, que sou um tapadão, mas a verdade é que o que voscê escreveu tinha razão.

Nunca Nhô Guedes devia ser preferido a mim.

Voscê já sabe que o governo gostou de minha idéa, já ouviu?

Na eleição do Barão, quem alçou a situação, fui eu, já ouviu?

Si não fôsse eu levantar aquelle levante, não vinham os pagos do Rio, que metteram susto em todos aqui, no interior, já ouviu? Nhô Guedes é que sahio Barão.

Já ouviu, veio aqui o menino, e só com os seus conselhos, a minha gente ficou quieta e acalmada, já ouviu, o menino tem jeito para a cousa.

Vai dar um grande homem o menino, já ouviu, eu mandei matar todos os bois que tinham nomes estrambolicos, como Barão, já ouviu?

Eu, digam o que disserem, sou o mais intelligente da familia.

O que disseram os jornaes—que eu trato mal á minha gente—é mentira: feijão com angú não lhe faltam.

Aquella sahida delles, já ouviu, foi um começo de levante, levantado por mim, para ensaio das eleições, e depois digam que eu não sou intelligente.

Eu, já ouviu, é que devia ser Barão, mas o menino está ali, mais tarde ou mais cedo, elle fica ministro, e elle sendo ministro, eu sou Barão, mas quero um titulo bonito: Barão do Levante.

Que tal minha idéa, já ouviu, não fica um bom titulo?

Eu não tenho ido a S. Paulo; por isso ainda não consultei ao Mendes, sobre o negocio de Brazão.

Depois eu soube que Voscê vai mudar de casa, já ouviu?

Sacy e vai ser? Já ouviu? Já ouviu?

que é aquelle menino grande em frente á Estação Inglesa, o menino se tira negro fugido.

Tenho gostado.

Depois que Voscê sahio de Sacy, a negrada tem visto fogo.

Viva a nossa terra, já ouviu?

De uns tempos p'ra cá, os negros não ficam mesmo em casa, é preciso a gente agradar, dar café de manhã, fumo e rocinha para elles trabalharem.

Eu, já ouviu, aqui em quanto a nossa familia governa, não dou café de manhã, nem licença para terem roça e fumo; Voscê bem sabe que eu não gosto de comprar cigarros, sempre peço cigarros p'ro os outros, já ouviu?

parece que cada uma das suas phrases, como outras tantas barras de ouro, deve ser muito tempo pesada por aquelle que lhe quer achar o seu valor intrinseco.

Sigamolo por um momento, pondo o dedo sobre cada palavra, e pronunciando em voz baixa:

Que... vosso... coração... se... não... perturbe... Crêdes... em... Deus... crêdes... tambem... em... mim... Existem... varias... moradas... na... casa... de... meu... Pai... Eu... vos... prepararei... ah!... um... logar...

Quando Cicero enterrou sua filha unica e querida, seu coração não soffria mais, por certo, que o de Thomaz, por que ambos eram homens; mas Cicero nunca ponde repousar seu pensamento sobre essas sublimes palavras de esperança, sobre essa segura perspectiva d'uma outra vida! E quando mesmo essas verdades se apresentassem a seus olhos, acreditaria elle n'ellas? Mil questões de authenticidade dos manuscritos, de exactidão das tradições, o teriam, sem duvida, preocupado. Porem para o pobre Thomaz, ellas eram tão evidentes, e tão divinas, que a sombra mesmo de uma duvida não podia passar pela sua mente.

Não podia deixar de ser uma incontestavel verdade para elle porque, se assim não fosse, como poderia ter achado a força de viver?

A Biblia de Thomaz não era enriquecida nem de notas marginaes, nem de glosas de algum sabio commentador; mas certos jerographicos da sua invenção o ajudavam melhor na sua leitura, que as mais sabias dissertações. Os filhos de seu senhor, Jorge sobre tudo, liam-

Como é que eu não comprando fumo, negro ha de fumar, já ouviu?

Eu soube aqui que anda-se debicando voscê na Estação, que quando passa o trem, todos os passageiros da terceira gritam: Viva o Barão de Sacy, e que por isso lá está uma força, para metter respeito em voscê.

Essa gente que debicava voscê, era tudo negro abolicionista e estes estrangeiros que estão tomando conta da terra da gente.

O menino já disse que estrangeiros, quando ficam malcreados, se exportam.

Que ha uma lei que elle leu no *Indigesto*, livro grande como de missa, que é escripto em latim, onde diz essa lei:

Eu não sei que lei é essa, já ouviu? Mas eu sei que ha essa lei, porque o menino é muito entendido em leises.

Voscê o que diz sobre esse negocio de filiação desconhecida?

Já ouviu, eu tenho aqui uns taes que não tem nem pae nem mãe.

Tambem para que negro quer pae e mãe?

Negro não é gente para conhecer essas cousas de pae e mãe.

Eu assim que for a S. Paulo, vou ao Mendes, assim como quem não quer, para ver o que elle diz.

O menino disse que não estudou isso na Academia, por isso não pôde esclarecer o caso, já ouviu?

Se passa essa cachorrada, eu fico a pé, sahe a flor de minha gente já ouviu?

Não posso ver nhô Guedes, o homem depois que sahio Barão está-se espiando de mais, já ouviu?

Não parece aquelle homem de d'antiga, já ouviu?

Seu mano que lhe estira, MANEÇÃO.

Cartas da Côte

16 de Junho de 1887.

Muito e muito se tem falado aqui na imaginaria sublevação de escravos em S. Paulo.

A imprensa, em geral com energia e dignidade, tem-se manifestado contra o procedimento do governo que, sa-

bendo por telegramma ser falsa a noticia da insurreição, não trepidou em enviar um vaso de guerra á Santos, para mostrar aos negreiros que elle está prompto em auxiliá-los.

O acto que praticou o governo, está abaixo de toda a censura; por si só faz ver quem são aquelles a quem está entregue o poder, a quem está confiado o paiz.

Realmente, quem por um simples boato que em poucas horas foi desmentido, pôz em movimento noventa praças, quiz provar a evidencia que os que governam estão promptos a sustentar a escravidão, custe o que custar, haja embora derramamento de sangue.

O facto que estou commentando, foi uma provocação sem nome feita aos abolicionistas brasileiros, á provincia mais adeantada do Brazil, á gloriosa cidade que soube dignificar se, libertando os seus escravos—Santos.

O *Paiz*, em um artigo que publicou a respeito, sob a epigraphie *Movimento de forças*, diz entre outras cousas o seguinte, que apresso-me em transcrever:

«...duvidamos muito de que o meio de remediar esse inconveniente seja o emprego da força, ou por meio della a intimidação á população de Santos, manifestamente sympathica á causa dos escravizados.»

Longe disso, muito receiamos que a presença das tropas e do navio de guerra seja uma provocação, da qual podem resultar conflictos e *effusão de sangue*.

Ora esta commoção de forças, para evitar o derramamento de sangue, sa lymphá vermelha o governo declarou submeter-se na questão militar, ficando embora arranhado na sua dignidade.

Não acreditamos tampouco que o ministerio pretenda empregar a força militar para com ella escoltar pretos fugidos, reduzindo os pela força a voltar ao trabalho forçado.

Tal medida nos parece immoral e perigosa, e em todo o caso será prudente ouvir o parecer do supremo conselho militar para sabermos se é legitimo e honroso, nesse caso, o emprego da força militar.»

O caso é que os homens que dirigem a nação vão dia a dia desmoralizando-se,

lhe por vezes algumas passagens; aquellas que melhor lhe toavam, ou lhe commoviam o coração, tinha logo o cuidado de as notar com a penna; de maneira que a sua Biblia estava cheia de diversos signaes, tendo cada um seu valor particular, o que lhe fazia achar as suas passagens de predilecção, sem recorrer á leitura de uma pagina inteira. Cada verso lhe trazia á lembrança uma scena da sua vida de familia, ou alguma das suas passadas alegrias.

Essa Biblia servia-lhe de memento da sua vida passada, e de consoladora esperança da vida futura.

No numero dos passageiros achava-se um joven cavalheiro da Nova Orleans, rico e distincto, uma menina de cinco a seis annos o acompanhava, bem como uma senhora, sua parenta, que parecia encarregada de vigiar a menina. Thomaz tinha por vezes admirado-a, porque era uma d'essas creaturas que se não podem esquecer, uma vez vistas: viva e ligeira, tão difficil de guardar n'um circumscripito espaço, como o raio do sol, ou a brisa do estio.

Toda ella offercia o ideal da belleza infantil, e respirava a graça aerea de uma poetica visão. Seu rosto encantador seduzia ainda menos pela perfeição de suas formas, que por uma expressão profunda e contemplativa, cujo attractivo fascinava a todos.

(Continúa.)

FOLHETIM

(47)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XIV

Evangelina

Ah! oxalá que a tanta prosperidade não viessem misturar-se as lagrimas dos opprimidos, os suspiros dos miseraveis, as amargas queixas que pobres corações ignorantes dirigem a um Deus desconhecido, silencioso, invisivel, mas que um dia virá fazer justiça sobre a terra, e salvar os desgraçados!

Os obliquos raios do sol no poente vacillavam sobre as tranquillias aguas d'esse vasto rio; as tremulas canas, os negros cyprestes, a que cinzentos musgos se suspendem, como funebres grinaldas, brilhavam á sua dourada luz, ao passo que o vapor, cuja carga amontoada principalmente sobre a coberta, faz parecer uma montanha fluctuante, desce vagaroso a sua corrente. Seria difficiloso encontrar o humilde amigo Thomaz n'este immenso barco de vapor (1), entre o amontoado de mercadorias, e essa multidão compacta. Fosse devido á recommendação de Mr. Shelby, fosse ao seu cara-

cter docil e inoffensivo, elle havia por fim merecido a confiança de Hal-y. Ao principio, o desconfiado traficante havia-o vigiado de perto durante o dia, e carregado de ferros durante a noite; mas a resignação de Thomaz tinha-o determinado a relaxar-se um pouco dos seus rigores, concedendo-lhe depois de algum tempo uma sorte de liberdade de ir e vir de palavra, que lhe permitia de sair e vir livremente por todo o navio.

Sempre tranquillo, e obsequiador; sempre desejoso de se empregar no serviço dos outros, fez-se em breve apreciar dos serventes da chaminé do vapor, a cujo trabalho elle se associava de tão boa vontade, como se fôra no da chacara de Mr. Shelby.

Quando não tinha que trabalhar, retirava-se para um canto solitario, entre os fardos de algodão, para meditar na sua Biblia.

E'ahi que o vamos encontrar.

A partir d'umas cem milhas, pouco mais ou menos, acima da Nova-Orleans, o rio, mais elevado que o nivel das terras, leva a massa enorme das suas aguas por entre diques de vinte pés de altura.

De pé sobre a coberta, o viajante domina o paiz inteiro, como do cimo de um castello fluctuante. Thomaz podia portanto contemplar, nas numerosas plantações das margens do rio, o quadro da existencia a que se veria reduzido.

A percebia, lá ao longe, os escravos no seu trabalho, via as longas fileiras de

menso edificio, aos lados, por toda a parte, de tres a quatro mil fardos d'algodão, sem contar as bagagens dos passageiros. Eis as monstruosas machinas que cobrem os rios da opulenta da America do Norte.

(1) Seria difficil ao leitor figurar-se esses castellos fluctuantes que se chamam: Barcos de vapor do Mississippi. Tres ou quatro cobertas, salas immensas, quartos separados para muitos centenas de pessoas, e no exterior, sobre o tecto do im-

conquistando a antipathia de todos os cidadãos.

Em que dará tudo isso? E' o que ninguém sabe.

**

Nestor, que no Novidades exerce o cargo de lousaminheiro-mór da policia, do governo, e do chefe do estado, quiz pelas Notas politicas justificar o procedimento de quem enviou as forças para S. Paulo, sob pretexto de haver ali uma insurreição de escravos.

O autor das Notas quer fazer o publico fluminense acreditar talvez que das fazendas do interior da provincia, partiram para Santos milhares e milhares de negros ferozes, barbaros, capazes de não respeitar ninguém, e de levar o panico a uma população inteira.

No entanto, quasi todos sabem que os infelizes escravizados que dirigiram-se a Santos procurando a liberdade, iam chegando aos poucos nessa cidade; n'um dia chegavam dez, n'outro quinze, noutro vinte, todos em busca de trabalho, pacificos, comportando-se melhor que muitos homens brancos que por ali ha

Muita gente tambem não ignora que os dois mil pretos fugidos, existentes, segundo dizem os jornaes, na mesma localidade, não se acham todos juntos, sob o commando de um chefe, como se fo sem bandidos ou selvagens. Estão espalhados pelos arrabaldes e pela propria cidade, empregados em casas de familias, trabalhando como homens de brio, ganhando honradamente o pão que comem.

O governo não saberia de tudo isso, quando fez marchar noventa praças e fez seguir a todo o vapor um navio da armada brasileira?

Nestor porém, que faz da penna o thuribulo com que incensa os homens do poder, não podia deixar de vir a todo o transe defender aquelles de quem se constituiu advogado.

**

Annuncia-se como definitivamente resolvida a viagem do imperador para a Europa.

O estado de saúde do monarcha é máu, segundo consta, embora digam as folhas diariamente que elle vae indo

Estado do doente é muito grave.

A recepção que tiveram os condes d'Eu ao desembarcar, foi méramente official; o povo não quiz tomar parte nella, e uma completa indiferença reinava em toda a cidade.

Parece-me mau agouro a frieza da população fluminense que se dizia profundamente monarchica...

G. B.

Antonio Americo

Antonio Americo é homem destorcido e não conta com auctoridades. Para elle, o fazendeiro senhor de escravo tem direito de vida e de morte sobre elles.

Que se importa elle que Campinas seja uma comarca, que tenha um juiz de direito que julga, um substituto que prepara processos e um promotor que denuncia criminosos!

Antonio Americo é fazendeiro em Campinas e o fazendeiro em Campinas está fóra da lei.

O escravo em Campinas é peor que o cavallo. Para o cavallo se faz estrebarras forradas e assoalhadas; se escova todos os dias, se muda a agna, se móe o fubá para não se lhe estragarem os dentes, se cobre o seu corpo com uma manta para livral o dos insectos, mais o escravo se carrega de ferros, se nega o sustento necessario para a vida, se obriga a trabalhos forçados ao rigor do tempo, se faz escorrer com vergalho o sangue de seu corpo.

Antonio Americo, o homem mais barbaro que tem Campinas até os matas com supplicios lentos e não ha quem lhe embargue os seus passos. Arrogante rodeia-se de façanhudos caboclos seus auxiliares e desafia as auctoridades que lhe puna.

O dinheiro em Campinas é que regula o caracter e honradez do homem. A virtude alli é uma cousa phantastica.

Campinas que se envergonhou que Victorino de Menezes fosse assassinado alli, não se envergonha que um Antonio Americo mate um homem indefezo aos poucos e lentamente.

O escravo em Campinas não é homem.

Antonio Americo para mostrar que está acima das leis, ha 6 dias mandou carregar de ferros em seu Castello, os seguintes escravizados:

- João Vieira, fulo; Bahiano; José, conhecido por Josésinho; Victorino.

Estão esses infelizes carregados de ferros e que auctoridade ha de lhe tomar conta pelo seu procedimento?

Rico e poderoso Antonio Americo zomba das auctoridades fracas e frageis de Campinas, para julgar um homem rico.

A justiça em certos logares chegou a tal decadencia, que convinha o governo supprimil-a.

Está uma força de linha em Campinas, estão portadto bem garantidos os encarregados de administrar a justiça e Antonio Americo dá balões em sua casa, mostrando por este modo que o Codigo Criminal em nosso paiz foi feito só para os pobres.

A abolição immediata

Está tirada a ultima prova da influencia exercida pela escravidão no destino politico dos povos, e na acção disciplinar dos partidos.

Quem se encarregou de cooperar para esta ultima desillusão dada aos que ainda esperavam poder proclamar a supremacia de um dos tres partidos politicos, na abnegação pelas ideias adiantadas do abolicionismo, foi o ministro da agricultura justificando o movimento de forças nesta provincia.

O aspecto politico da nação tem somente duas faces, a do interesse e a da justiça.

Republicanos, liberaes e conservadores estão inscriptos, entre os sustentáculos de uma e os propugnadores da outra.

Foi, instado por uma representação de membros proeminentes dos tres partidos organizados e militantes em Campinas, que o governo julgou urgente, enviar força para esta provincia, disse-o o Caudara temporaria o dr. Rodrigo Silva.

No tocante aos interesses da escravidão, liberaes republicanos e conservadores estão portanto unidos e congratados.

Razão de sobra teve pois José Bonifacio, quando entendeu que o gabinete

proveniente da substituição que tudo perturba e então começa a luta, com a propriedade escrava durante longos annos fortificada em todas as posições do paiz.

E' este exactamente o estado do Brazil. Todos os partidos estão divididos, em todas as classes reina a discórdia e a divergencia e a lamina, que abriu a scisão é o interesse da escravidão.

Um dos remedios aconselhados pelo publicista inglez, para se obrigar o senhor, a reconhecer que a escravidão não é um direito, mas um facto que elles mesmos prolongam, servindo-se do governo para dominar as outras partes fracas da sociedade durante longos annos e não proteger o proprietario negando-lhe o auxilio da força, para ajudal-o a continuar a sua disciplina contra os escravos.

Esta arte, da barbaria o proprietario ver-se-hia forçado a ser caridoso para com seus captivos, reconhecendo nelles creaturas, e tratal-os como homens e não como animal.

Essa medida de disciplina, e que constitue um trabalho do escravo para o trabalhador livre. Mas o proprietario a nada se curva.

Elle não quer absolutamente concorrer para educar seus escravos, preparando-os para entrarem para a sociedade, por que a primeira condição para isso é estimulal-os ao trabalho, creando o salario, a recompensa e o pensamento do patrimonio, ligando-os ao solo pela propriedade.

O egoismo, força-os a negarem tudo a aquelles que lhes fundarão a fortuna e quando se pede para elles a liberdade sem mais nada recorrem ao terrorismo, imaginando os males da libertação em massa.

A deshumanidade do proprietario não cede portanto, nem a sua propria regeneração aos olhos de Deus, da civilização e de seus compatriotas.

Só ha um meio de vencer: os é a força reunida das classes opprimidas, congregando-se para constituir um parlamento que decreta a abolição immediata.

Mas no Brazil ha um terceiro elemento sobre que recabe a maior somma de responsabilidade, na proporção da magestade precedencia e grandeza que representa, a Monarchia.

Como órgão do poder neutro a cujo exercicio é dada a attribuição de solver as grandes crises, intervindo quando todos os outros poderes se acham desorganizadas em luta fratercida caminhando para a desorganização, o Imperador e a monarchia são os responsaveis pelo triste aspecto que apresenta a nação, as discórdias e as perseguções.

governo, que nas suas ultimas recorreu ao meio de avital-o e de sympathias, mandando a continella á crueldade disciplinanda da provincia de São Paulo.

Consorteio

No dia 16 do corrente, em oratorio particular, nesta capital, realisou-se o consorteio do sr. Manoel Fernandes de Oliveira, com a exma. sra. d. Maria Angelina Dantas de Oliveira.

Testemunharam o acto, por parte da noiva o sr. dr. Antonio Dino da Costa Bueno e, por parte do noivo o sr. Joaquim Diniz.

A tão ditosos noivos um futuro cheio de felicidades.

Cartas de Marco Aurelio

Caçapava, 17 de Junho.

Meu amigo, Disse-lhe já que a policia aqui transformou a cidade em grande taboagem e disse-lhe a verdade.

Um supplente de delegado e outro de subdelegado, justamente aquelles em cujas mãos o exercicio publico se alonga mais, associaram-se a uns vagabundos esportos, e por occasião das grandes festas que ha quasi um mez houve neste lugar, edificaram no centro da cidade na quarta-feira de casas devassadas, e ali assentaram muitas desenas de bancas onde o buzio e a rulta se estabeleciam.

Sob a guarda e auspicio do governo o escândalo, como se previa, tomou proporções e vai se perpetuar para nossa desgraça.

Quando, embada a fé da Camara Municipal que se deixou levar facilmente, os mandadores da ordem virão licenciado o valhacouto da devassidão, prometteram destruil-o após a festa que o motivára; tendo, porém, o negocio se tornado dos raros e melhores, foi a promessa esquecida e identificada com os passos de seculos a vida pernicioso do vicio.

Não precisa dizer a indignação que o procedimento em nome dos governistas causou, nem o desfaçamento a coberto de reprimenda com que elle, cheio de um poder violento, levou a cabo o escândalo; a natureza do caso evidencia a força irresistivel e a imprudencia inulta

ver impunivel dos contedores da lei; mas, eu venho dizel-o, por dever. Devemos ir apontando essas nazellas da situação para que se o povo, um dia, sahindo da prudencia covarde em que vive, quizer trucidar com violencia justa e provocada a violencia injusta e provocante de um governo sem criterio, possa fazel-o em nome do principio que, victimando contra o direito, legitima a compensação contraria ao direito, mas firmada nesse principio.

Não sei se os poderes a que me refiro comprehendem isso, ou acreditam que a paciencia popular nada tem de inexgotavel, e que, portanto, de um dia para outro, podem sublevar-se os elementos agora tão indubidamento opprimidos.

Se não o acreditam, peor para as auctoridades que, sobre serem viciadas nos limites de seus deveres, acarretam com o peso dessa descrença sem virtude. Então é que a constituição policial se degradará não só pela protervia inulta que a deparou, para sempre, de seu curso natural e licito, como pela fé vasia que, a estimulando em capcioso curso, não lhe pôde garantir este poder de que goza, elevado, mas accessivel ao castigo.

Infelizmente a posição acabruilhadora e illicita onde se violam a letra e o espirito das leis, não está circumscripta neste lugar. Abrangem o paiz inteiro a violencia e a corrupção dos homens. Aqui, porém, é porventura mais lamentavel o abuso porque, elle se elevou á ponto indissivel quando poderia ser lealmente intereso.

O partido conservador em Caçapava—sejam justos—não possuindo homens capazes de o levantarem do estado em que se acha, tenta elevar-se (plagiario) pela justiça.

Elle depõe os presidentes da camara municipal, leva a fome á casa de quem abandona tudo para trabalhar diariamente e deixa em escravidão indebita quem, por leis divinas e humanas adqueriu e readquiriu estados de liberdade.

Além disso os seus delegados—ignorancias crassas, perversas e, na maior parte desmoralizadas— não sabem simão acompanhar essa rotina incessivel á face da justiça. Um vae envolver-se nos confictos de terra extranha, ridiculamente gritando: eu tambem sou auctoridade e posso manter a ordem; vae ousadamente dar liberdade a criminoso preso em flagrante e prender homens pacificos e trabalhadores... por vingança pessoal; outro fomenta a devassidão, o adulterio onde os horizontes fazem de recto escorregadio para as reputações imbelles; este procura identificar-se com os Coelhos Bastos e associa-se áquelle para estabelecem os jogos de azules, os licoques, o valho-

o poder sumiu-se entre as transgressões dos preceitos illibados; tanto que, quando ha um mez certa auctoridade quiz expellir daqui o conhecido Chininha—gatuno profissional—este exigiu o mesmo castigo para seus collegas que provou estarem nesta cidade tambem á auctoridade calou-se ante a exigencia, porque os apontados gatunos não passavam de seus alliados na negociação de azas.

Perfeitamente Rio de Janeiro sob o dominio das escorias sociaes!

Contudo, ainda para ser justo— eu não devo dar á unanimidade de seus adeptos os erros e os defeitos do partido conservador. Temos aqui meia duzia de governistas que destoam desse conjunto politico e sem criterio.

Mas, é por isso mesmo, é por este estado anomalo poder ser golpeado em homenagem á justiça, que o mal torna-se crescido e abusivo. A maldade só tem dilatação sensivel onde vivem a cercal-a elementos de matiz diverso.

Qual o corpo criterioso e digno que, possuindo membros sanissimos, lança mãos de orgams corruptos para as espécies de seu funcionalismo geral ou parcial? Qual o partido sensato e integro que pretere seus alliados melhores e entrega as funções de sua vida a pessoas ignorantes, injustas, apaixonadas, como as que ora, em nome do partido conservador, conspurca os direitos do povo, favorecendo os interesses inconfessaveis ou pessoas dos fazendeiros e dos amigos, omitindo ou trucidando os effectos da lei e levando a mocidade aos bordéis e ao jogo.

Nenhum. No entretanto essas que aqui tem o nome de corporações politicas, constituidas como entidade essencial para a desenvolvimento da vida de um paiz civilizado, essas procedem assim torpé e abertamente.

Pobre paiz.

Ahi ficão a verdade e os factos, mas não me fica a esperança de chegar a um dia melhor.

Esse meu latim—eu sei—não terá effecto de qualquer especie, porque, como sabe, no Brazil já o cynismo chegou á altura de um principio. Si, porém, calarmos-nos todos por isso, talvez ache ainda por onde infelicitar-se a situação miseranda a que desgraçadamente tambem somos chegados.

Até breve.

MARCO AURELIO.

Jundiaby

16 de Junho de 1887.

sr. redactor. Ha tempos temos deixado de informar a esse jornal o que se passa por esta terra.

Tudo quanto nesse jornal se tem dito e mesmo que tem escripto a Provincia de S. Paulo é a mais pura verdade.

Depois do titulo de Barão com que foi agraciado o sr. tenente coronel Queiroz Telles, que causou certo movimento nesta cidade caiu-se na mais completa apathia.

Dias á esta parte, aqui temos visto cousas do arco da velha.

Esta cidade está cheia de capitães do matto, tanto desfardados como fardados com bonet de couro e bayoneta na cinta.

A frente destes ultimos está como sargento, o bôde cearense, a cousa mais repulsiva do mundo.

Esse sujeito tem feito negociação na captura de pretos fugidos.

Ainda, ha poucos dias, recebeu quarenta mil réis, e só deu vinte mil reis para seus socios.

Os interessados reclamaram, e não sei em que deu o resto.

Hoje, mesmo, esse bôde partiu para Rocinha, todo fardado, de espada areada, para prender seus parceiros.

Para tornar mais aborrecida esta cidade anda por aqui um jesuita de ytú a pregar no deserto.

E' um carcamano, que confessa mulheres até a meia noite, na igreja do Rosario.

Eu, si não fosse conhecido, corria risco de ser prêso, bem como o Parnahyba, como escravo fugido, pois nós dous somos caboclos e de lenço de seda.

O barão de Japy continúa a frequentar a estação Ingleza desta, para comprimentar as diversas pessoas, que por aqui passam.

Esta cidade tem sido frequentada, ultimamente, por muitos senhores de escravos de Campinas, alguns, até doutores (mas destes que estudam para burro) essa gente tem vindo aqui assistir o péga péga de pobres pretos, que cançados de trabalhar de graça estão mandando para o diabo os fazendeiros, que apesar, do preço porque está o café não se animão a gratificar a quelles que planteram, nem com dous vintões para

hoje, limito-me a escrever uma missiva, logo que puder, hei de escrever outro, tanto contando as façanhas do Pereirão que é um turco para o sexo femenino.

De V. S. Amº e Admº.

Jundiano

Cartas de Santos

16 de Junho de 1887.

Já sabiamos que os governos desprestigiados e que não tem bastante energia para em occasião propicia deixar o poder que o levou a degradação, forjam artificios, e por mais torpes que estes sejam, servem sempre para dar-lhes um vislumbre, um brilho ephemero da força moral que perderam. Como o fim é ter nas mãos as reedas do governo, sem a nobre ambição de prestar auxilio ao progresso do paiz, dizem elles que pouco importam os meios com tanto que consigam os fins.

O nosso governo actual é um fabricante dessas pilulas douradas. Fabrica-as, porém, de tão más qualidades, que precisa responsabilisar os mi-neros escravizados pelos effectos toxicos productos que faz o paiz ingerir.

Chama-se a sublevação de escravos o novo agente therapeutico que preparou para os manejos politicos nesta provincia.

Tendo consciencia do seu pouco valor, já por occasião da re-eleição do conselheiro Antonio Prado, enviou á provincia essa droga, que dando lugar aos apparatus bellicos para agradar aos escravocratas no interior e emprehendendo para não terminar, melhoramentos necessarios e desejados em diversos pontos do littoral, sortio o effecto de jado.

Ficou estabelecido que a nova ag de Lourdes politica é omnipotente desde que se trate de elevar ao poder qualquer dos entes queridos.

Bate a porta a eleição do dr. Elias Chaves, e eis a droga novamente ingerida ao corpo da provincia e fazendo effecto por mar e por terra.

UNICA NA
PROVINCIA
E sem competidor

Camisaria Especial
RUA DA IMPERATRIZ, 55
S. PAULO

SORTIMENTO

immenso em roupa branca para
homens e meninos
Em preços
NINGUEM PODE COMPETIR

Alguns santistas ainda facéis de illudir, acreditam que o governo cumpriu o seu dever fazendo offerta do cruzador *r. de Março* ao primeiro porto da provincia, que muito o merece pela sua importancia.

Infelizmente depois do dia 18 virá a desillusão. Se fosse verdadeira a sublevação de escravos, se necessitassemos do auxilio bellico do governo, sem eleição—só chegaria depois de alguma effusão de sangue ou de estar tudo em paz.

Não se lembra o governo do effeito toxico de sua *droga*—os escravizados ficam sabendo a sublevação é mais uma porta por onde podem evadir-se do captivo, e quem lhes vêm abrir os olhos é o proprio governo escravocrata!

Felizmente, graças ás boas intenções de alguns benemeritos brasileiros, não terá lugar a sublevação sonhada e os escravizados do municipio de *Campinas*, o ponto sempre escolhido pelo diagnostico politico, desmentirão a pécha de sublevadores que o governo lhes empresta.

O que não é justo é que, um governo que mantem as leis absurdas promulgadas pela especulação infame do passado; esse proprio governo que deixa abandonados á escravidão milhões e milhões de brasileiros, perpetuando o nosso atrazo e a nossa falta de brio ante as nações civilizadas, seja ainda o que vem lançar sobre esse desherdado da sorte a parte odiosa e repelente do effeito das suas drogas.

Santos, Junho 16—87.

GRANT.

Não são os abolicionistas que agitam as questões

Faça na estação da estrada de ferro inglesa, desta capital, quando uma força de *gatos pingados* da policia, partia para Santos, um Barão pedia aos soldados que descobrissem por lá alguns escravos seus que andam fugidos.

Nessa occasião esse barão ou commendador fazia uma preleção mostrando que os abolicionistas o que querem é dar prejuizos á lavoura, que são todas pauperimos que o governo devia mandar espingardear os abolicionistas, que era de balde o conselho delles, porque a escravidão havia de durar em quanto os fazendeiros quizessem, que de *Campinas* já tinham posto para fóra um doutor, e que elle só era capaz de matar a quinhentos abolicionistas, que no Rio Claro os abolicionistas não eram capazes de ladrar...

Uma vez estavamos nós na fazenda das Araras, propriedade hoje do Barão de Tatuhy, e ouvimos um barulho exquisto que nunca tinhamos ouvido em nossa vida: era uma especie de roncões ou gritos medonhos.

Fomos virificar: era um jumento que percorria o pasto atraz, não sabemos do que.

Quando esse barão dava gritos na estação tivemos saudades desse jumento....

Ha barões e commendadores que só se differem dos jumentos em não usarem das quatro pastas.

E imprudencia, esses individuos, que levados por interesse, insultam áquelles que trabalham pela causa mais santa e mais justa.

Podem todos os commendadores e Barões dispendir os vocabularios com que costumam fallar aos seus escravos contra os abolicionistas.

Nós, guiados pela sublimidade de nossas idéas havemos de libertar a nossa provincia, embora tenhamos de pizar sobre milhares de commendas e corôas ganhas á dinheiro é papos de perús.

Juizo final

Os escravocratas já estão todos receiosos com os primeiros preludios da nossa propaganda.

Isto não é mais do que a introdução da grande opera da liberdade, que tem de ser cantada nesta provincia, outr'ora berço de tantos bravos.

Queremos mostrar que o espirito paulista ainda existe na lucta das grandes idéas.

Assustam-se de balde os escravocratas.

tas. Ponham fogo ao mórão e verão que não recuamos na defeza da mais sancta cruzada que o mundo tem visto.

Luctar pela liberdade de tantos entes roubados á liberdade e que innocentemente se humilham perante os ladrões enobrece aquelles que os defendem.

Os escravocratas, cheios de riquezas arrancadas ás victimas, blasfemam contra os que defendem os roubados.

Dispondo do governo querem obrigar os abolicionistas a sujeitarem-se, como os escravos, ao silencio.

Enganam-se.

Podem comprar folhas mercenarias, podem cercar as estações das linhas ferreas, podem reunir todas as forças do Imperio, nesta provincia, os abolicionistas não se recuam de nada.

Mais forte será a nossa propaganda.

Capitulem ou declarem guerra, que nós não receiamos

Não precipitem as cousas

Todos hão-de ter notado que de tempos a esta parte cessaram completamente os assassinatos constantes de fazendeiros e administradores de fazendas.

Tivemos muito trabalho para vencer aos infelizes escravos, que a lei prohibindo a pena de açoite forçava aos donos das fazendas a não poderem mais castigar a seus escravizados.

Não foi o conchavo havido entre os fazendeiros para absolverem os escravos que assassinassem os senhores, feitores e administradores, quem produziu este estado de segurança individual que reina, hoje, nas fazendas.

O escravo, uma vez, mal tratado, devia procurar libertar-se pela fuga.

Nada mais razoavel.

Entretanto, os fazendeiros resistem ou pela ignorancia ou pelo abuso de dinheiro e influencia que nasce delle procuram impedir por todos os modos a evasão de seus escravos cançados, que além de trabalharem de graça ainda soffrem os mais cruéis supplicios.

Cerca-se por mar e por terra a provincia, querendo-se convencer á força, que o homem que nasceu livre deve trabalhar para outro homem até morrer.

Neste estado de cousas, nestas conjuncturas, no estado em que chegou o abolicionismo, o que querem que se faça?

Aconselhar aos pretos escravizados a que assassinem de novo os seus senhores, feitores e administradores?

Querem que os abolicionistas, que entendem que a escravidão é um roubo aconselhem aos escravizados que fogem que voltem para casa de seus verdugos, até que a morte os liberte?

Pensam, por ventura os escravocratas que os abolicionistas esmorecem, porque de uma outra localidade se faz sahir aquelles que trabalham para a mesma ideia?

Engano completo.

Não são aquelles que mais apparecem, os que mais trabalham pela redempção dos escravos.

E' preciso que os fazendeiros cedam ou cheguem a um accordo com nosenho ou então que se augmente a força o que se acabe tudo a ferro e fogo.

No *Correio Paulistano*, de quinta-feira, veio um individuo de raça hespanhola, lançando injurias contra os abolicionistas da cidade de Santos.

Esse patife teve a cautela de não assignar o seu nome no apedido que fez publicar, datado de Santos.

Entre os abolicionistas apontou o redactor principal desta folha e teve a prudencia de apenas uzar das iniciaes A. B.

Fazemos sciente a esse patife que o redactor principal desta folha chama-se dr. Antonio Bento de Souza e Castro e tem por costume tomar a responsabilidade do que escreve e do que faz.

Se esse individuo for capaz, assigne

o nome, que o havemos pôr fazendo annos na secção competente.

Ha especuladores em tudo, e esse sujeito parece ser um especulador que quer fazer fortuna com os pretos fugidos.

Só Deus o sabe quantas cartas não terá elle escripto a senhores de escravos propondo-se a esse *nobre officio*, bem lucrativo.

Ganhai dinheiro, animal, mas não fazei como o cão, que quando está com um osso está zangado.

Quando se referir ao nome do redactor principal desta folha escreva-o por extenso

PROPAGANDA ABOLICIONISTA

Velhos... mas ainda captivos

II

Em todas as questões que a execução da lei de 7 de Novembro tem levantado, o obrobio nacional não está precisamente em ter sido a mesma lei violada por ouzados contrabandistas, mas sim e positivamente em que ha 56 annos nos ceavamo com o trabalho forçado de africanos livres, internados no territorio nacional pelo dolo, pela astucia, pela prevaricação, pela violencia, pelo suborno, pelo crime emfim.

E não contentes de havermos reduzido homens livres á escravidão, fizemos tambem escravos os seus descendentes.

Assim, quando a lei foi decretada em sua protecção, collocamol-os fóra da lei: fóra do direito, quando o direito e a jurisprudencia internacionaes já haviam estendido no Atlantico uma extensa linha de cruzadores para proteger a Africa contra a pirataria que se exercia em roda de suas tendas, e que, como a hyena e o chacal dos steppes, fazia dos seus aborigenas pasto e carnice de outra raça.

A exploração do trabalho de africanos livres continuou por largo espaço de annos; as victimas não podiam protestar contra o injusto e illegal captivo; não conheciam a lei do Estado.

O direito de liberdade, porém, nunca prescreve, tanto mais quanto essa liberdade foi violentamente usurpada.

E que não fosse uma usurpação: Terencio, o escravo romano que mais illustrou a sua epocha e a civilização de seu tempo, mostrou quanto se pode ter livre o espirito, livre a natureza de homem, apesar das sujeições do captivo.

Ora, com os africanos importados depois de 1831 dava-se precisamente o facto de nenhum poder humano no Brazil ter o arbitrio de sujeital-os a escravidão, porquanto, o poder legislativo do Imperio, aquelle que decreta a vontade nacional, estatuiu no Art. 1.º da lei de 7 de Novembro que *«todos os escravos que entrassem no territorio ou portos do Brazil aindos de fóra ficariam livres.»*

Consequentemente, hontem como hoje, desde que o africano, em injusto e illegal captivo, provar que entrou no territorio do Imperio depois de 7 de Novembro de 1831, terá provado que é um homem livre.

Podem as victimas do trafico condemnado bendizer do grande espirito do visconde do Rio-Branco o beneficio que lhes foi feito com a criação do serviço da matricula especial de escravos do Imperio, com esse *arrolamento das bestas de trabalho* como lhe chamou a aristocracia escravagista do tempo; levantem mãos ao céu os desgraçados da pirataria que depois de 50 annos puderam arrastar-se até aos tribunaes de justiça.

A matricula da lei de 28 de Setembro de 1871 não foi um simples trabalho de estatística, não podia sel-o.

Admittis que ella tenha creado direitos em favor do senhor?

E como não em favor do escravo?

Assignou as vossas bestas de trabalho, imprimindo-lhes as características do especioso dominio?

E porque não havia de assignalar tambem as victimas do contrabando?

Sêde logicos.

Se em qualquer relação juridica da desgraçada instituição, nenhum litigio que versar sobre o dominio e posse de escravos será admittido em juizo, se não fór desde logo exhibido o documento da matricula (1) é inconteveo que na cathogoria das provas de especie, a ma-

trícula constitue prova legal, plena e absoluta.

A matricula é o registro publico do estado servil.

Tanto assim é que a lei n. 2040 de 28 Setembro de 1871 declarou na Art. 8.º § 2.º que os escravos que, por culpa ou omissão dos interessados não fossem dados á matricula, até um anno depois do encerramento desta, seriam por *este facto* considerados libertos; e os avisos de 13 de Novembro de 1875, 4 de Junho de 1876 e 31 de Março de 1880 decidiram egualmente que essa declaração de liberdade seria feita independentemente de qualquer titulo ou carta, bastando-lhes para a prova de sua liberdade—*a certidão de não haverem sido matriculados.*

A lei de 28 de Setembro de 1871 não foi, não podia ter sido uma lei de escravidão: foi uma lei de liberdade. Em virtude della é que se fizeram os arrolamentos dos escravos do imperio,—dos *escravos*—entenda-se bem, e não dos africanos importados depois de 1831.

Consequentemente a inscripção de um homem livre como escravo no registro de matricula constitue prova legal contra o proprietario servil.

Os pretensos senhores dessas victimas não podiam ignorar que tinham debaixo do jugo homens livres, e como taes declarados por uma lei nacional; consequentemente ainda foram colhidos em suas proprias declarações de terem sido importados depois de abolido o trafico os seus pretendidos escravos africanos.

A matricula de 1872 é então uma vasta rede em que ficam envenilhados nas proprias confissões do crime, senão os autores delle, pelo menos muitos daquelles que por uma participação directa e manifesta tornaram se seus cúmplices, conservando em injusto e illegal captivo homens que sabiam haver nascido livres.

A ninguém pôde escusar a ignorancia da lei, e ainda mesmo que fosse ignorada a existencia da de 7 de Novembro de 1831, as declarações de idade nas relações de matricula de 1872 só podem ser consideradas como a expressão da verdade contra aquelles que as fizeram, desde que pela matricula de 1872 se sabe que de 1871 somente os possuidores de escravos ou as pessoas por elles competentemente habilitadas podiam fazer taes declarações.

E, facto estranho, aquelles que procuram desservir a causa dos escravos, creando-lhes embaracos de toda a sorte, são os mesmas que inconscientemente levados pelo turbilhão preparam-lhes os melhores meios de defeza.

Referimo-nos aos autores da lei n. 3260 de 28 de Setembro de 1835 e dos regulamentos expedidos para sua execução.

Tratando da nova matricula mandada effectuar no imperio, o decreto n. 9517 de 14 de Novembro de 1885 dispoz no seu Art. 3.º § 2.º:

«Presumem-se certas para os effeitos da lei as declarações da antiga matricula, e esta presumpção só cederá á vista de sentença passada em julgado.»

E o Art. 10 § 6.º acrescentou:

«Presume-se certa para os effeitos da lei a idade declarada na matricula especial, feita a addição a que allude o Art. 2.º § 2.º do regulamento, salvo se tiver sido alterada por sentença passada em julgado, anteriormente á data da mesma lei.»

A causa dos africanos importados depois da lei de 1831 é uma causa victoriosa: não bastava ter em seu favor a Constituição do Imperio, o Código Criminal, a lei de 7 de Novembro, e a de 28 de Setembro de 1871; a propria lei n. 3270 a suffraga, e o elemento escravista do Imperio é o seu mais firme esteio.

SECÇÃO ESPECIAL

Chonica de annos

Fazem em *Campinas* annos, Antonio Americo e seus administradores e como assessorio o delegado Damazo Xavier da Silva, ficando o mesmo esperado até saber-se em que se occupa.

Na mesma localidade um deputado provincial que se prestou a ir a *Jundiaby* prender pretos fugidos.

Na mesma cidade, dia hora e lugar, faz annos, o Juca Cuibano e como assessorio o promotor publico, que não denuncia Antonio Americo, ficando esperada a Socorro até que o promotor de a denuncia.

Fazem onros, em *Campinas* os republicanos, que representaram ao governo,

pedindo providencias contra os abolicionistas.

Nesta capital, faz annos o cabo de cavallaria Diniz, que envergonhando a farda amarrou pretos como capitão do matto.

Faz annos no Amparo o Zé Batata, por comprar um S. José.

Faz annos, em Santo Amaro, o celebre Delaborde, capitão do matto e mestre de meninos.

Fazem annos, em *Jundiaby*, o celebre Pereirão e como assessorio o sargento Cearense, vergonha de sua terra e sua raça.

Faz annos no mesmo lugar o barão de Sacy, autor de todas as cavallarias contra escravos.

Faz annos, no mesmo lugar e com seus iguaes o Manecão.

Faz annos, nesta capital o zelador do Hospital dos Bexiguentos, por causa de argar do officio e ser capitão do matto.

Faz annos, nesta cidade, em *Agua-Branca* um portuguez Catharina, espiao de pretos fugidos.

Fazem annos, todos os patifes, que deixando a causa da liberdade dos miserios escravizados, são a favor dos escravocratas, por cousa do dinheiro destes.

Fazem annos, os jornaes que por diuibeiro escrevem contra a propaganda abolicionista.

Ficam esperados, em *Bragança*, o Chico Triste.

No mesmo lugar o Chico major. Quer chova quer faça sol, no mesmo lugar, o Carneiro, capitão do matto até se casar.

Em *Atibaia* o Chico do Taboão roendo as unhas para não gastar.

Em *Campinas* o Souza pela certa.

Em Santos, o sujeito que escreveu no *Correio Paulistano* contra os abolicionistas.

No *Lava-pés*, o Irapuá, capilão do matto sem vergonha.

Em *Jacaraby*, os vagabundos que se prestam a prender escravos.

Nesta capital, o commendador B—A B—A, que frescamente prejudicou orphãos e viúvas e pretos.

Em *Jundiaby*, o senhor de Paula Cruz, por ser escravocrata, cando esperado para não fazer nesta capital, onde se diz abolicionista.

Antonio Adriano faz annos na mesma cidade, hora o lugar por discutir questões que não entende.

Na mesma cidade faz annos, o dr. Anquinha, socio do Pereirão nos negcios de escravos, ficando o sargento Bode, para fazer annos quando sa de sua casa e nella fica o Pereirão.

Faz annos, em *Pirassununga*, José Theodoro de Arango, que tem espalhado por toda a parte annuncios de lhe ter fugido uma preta magra e esquadrihada.

ALBUM ABOLICIONISTA

Rio-Claro

D. Margarida Ferreira Soares e d. Maria das Dores Ferreira (ambas residentes nesta cidade) deram no dia 25 de Maio do corrente, anno plenna liberdade ao escravo que possuíam de nome Histo.

ANNUNCIOS

Grande

foi o sortimento de calçados que da Corte trouxe agora o proprietario do Guarany

De entre a enorme variedade especialisaremos os seguintes e afamados autores: CLARK, para homem e senhora; BOSTOK, idem; POLLAK VENCEDOR; idem; e muitos outros, vende-se tudo com grande redução de preços, por ter o annunciante feito grandes e vantajosas compras.

AO GUARANY

42—RUA DA IMPERATRIZ—42

(1) Dec n. 4835 de 1.º de Maio de 1871 Art. 45.

A La Belle Jardinière

GRANDE SORTIMENTO DE ROUPA PARA INVERNO

Sobretudos de ca-
semira franceza, for-
rada de seda la derni-
re mode, sobretudos de
panno piloto, castor
e diagonal.

Cavours, ponches,
polainas impermea-
veis a 8\$000!! An-
derson Abotti, fabri-
cante em
Londres



Chales mantas, col-
letes de malha, cober-
tores para viagem,
lenços de seda e de lã
e muitos outros arti-
gos proprios para o
frio.

Costumes á mari-
nheira e de casemi-
ra, sobretudos, ca-
misas de meias, gra-
vatas, collarinhos pa-
ra crianças de 3 a
12 annos.

A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

A. LINO & COMP.

Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

O seus numerosos amigos e freguezes a **Loja do Rocha** previne que acaba de receber completo sortimento de calçado Ferris e outros fabricantes da Europa, e avisa que é o unico depositario do calçado Klark & Comp. (Travessa do Ouvidor n. 35, Rio de Janeiro.)

GRANDE OFFICINA DE C&S DOS FINOS

LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

Industria Nacional

Só na casa Pomona
Biscoutos, lata, 1\$160.

VICENTE P. GUIMARÃES

LARGO DO MERCADINHNI

Nova fabrica de caixa de papelão

DE
Sergio, Kanz & C.

13, RUA JOSE BONIFACIO, 13

(Antiga do Ouvidor)
Apromptam-se com brevidade e pre-
ços commodos: caixas para chapéus,
camisas, meias, flôres artificiaes, gril-
naldas, fogos e qualquer caixa de luxo,

S. PAULO

PADARIA 7 DE SETEMBRO

DE

ANTONIO MARTINS DE OLIVEIRA

2, Rua da Imperatriz, 2

VENDE-SE FARINHA DE TRIGO POR ATACADO

esco hido sortimento de roscaes, biscôutos, superior chá Hysson e nacional, manteiga de diversas marcas, etc

Grande sortimento de molhados, como sejam: vinhos portuguezes e fran-
cezes, cervejas, licôres finos, etc., os quaes se venderão por atacado.

S. PAULO

8

PROPAGANDA SEPARATISTA

SÃO PAULO INDEPENDENTE

POR

MARTIM FRANCISCO

500 RS.

Em todas as livrarias

PRELO

Vende- um prelo manual
com pouco uso, pela quan-
tia de 230\$. Informa-se nes-
ta typographia.

GRANDE FUNILARIA

PREÇOS SEM COMPETIDOR

CARLOS NELSEN

36--RUA DO PRINCIPE--36

Encanamentos de ferro, chumbo, cobre etc. Banheiras de chuya, chuveiros simples, banheiras inteiras e meias. Colloca-se bombas de todos os systemas. Trabalhos em zinco, cobre etc. Torneiras d' todos os systemas. Saidas para caixa d'agua. Grande quantidade de obras de folha e tudo mais que pertence a este ramo de negocio. Encarregam-se de qualquer trabalho pertencente a esta arte tanto aqui como para o interior.